

FH e PFL tentam isolar ACM

Presidente conversa com governador da Bahia e partido abre discussão sobre fidelidade

Maria Lima e Diana Fernandes

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso e a cúpula do PFL continuam tentando isolar o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e impedir que a bancada pefelista assine o requerimento da CPI da Corrupção. Enquanto Antonio Carlos insiste no discurso pela CPI, Fernando Henrique tenta atrair um dos principais aliados do senador, o governador da Bahia, César Borges (PFL). Em outra frente, a Executiva do PFL decidiu apressar a votação do projeto de fidelidade partidária, para enquadrar os carlistas rebeldes que possam pensar em trocar de legenda. A idéia é votar o projeto, que aumenta para quatro anos o prazo de filiação, na quinta-feira.

No auge da tensão, terça-feira, Fernando Henrique ligou para Borges, prometeu não retaliar a Bahia e o convidou para uma conversa na próxima semana, para receber seus pleitos. Borges levará três propostas: a recuperação da malha rodoviária no estado; a conclusão das obras de dois projetos de irrigação; e a manutenção dos carlistas nos cargos federais na Bahia. A decisão da bancada carlista só deverá acontecer na próxima semana.

FH garante que não haverá retaliação

• Borges manifestou preocupação com o tratamento que o governo dará ao estado depois do rompimento do senador com o Planalto.

— Quero saber como ficará a Bahia. Vamos ser retaliados?

— Sou presidente do Brasil, não vou prejudicar a Bahia — respondeu Fernando Henrique.

Para os carlistas, é difícil imaginar que Borges esteja negociando com o presidente sem o conhecimento de Antonio Carlos. Por enquanto, apenas cinco do grupo de 19 seguidores do senador assinaram o pedido da CPI.

— Vamos decidir em bloco semana que vem. O senador ainda não pediu a assinatura de todos, mas se quiser terá apoio da maioria — disse um deputado carlista que trabalha pela não adesão à CPI.

Senador volta a criticar o governo

• Antonio Carlos voltou a atacar o presidente. Disse que custará caro ao país a mobilização do governo e que Fernando Henrique pagará também um preço muito alto, a não ser que mande investigar tudo e "ponha os ladrões para fora do governo".

— O presidente cometeu o erro de desde o primeiro dia do governo ficar preso à maioria parlamentar, esquecendo a minoria popular. Ele não precisa ceder nem cometer o pecado da simonia, ou seja, não negociar coisas sagradas — disse.

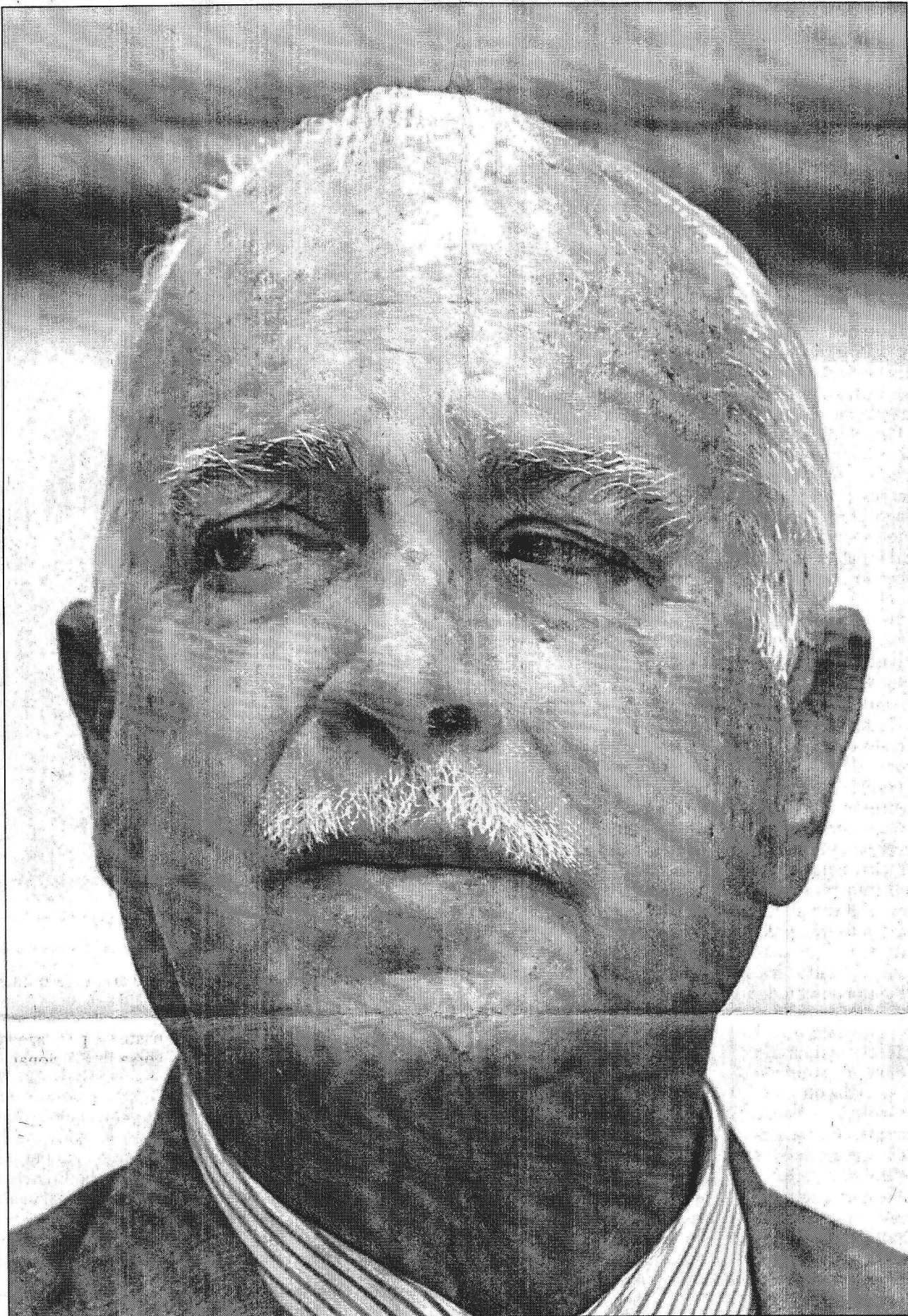
No Congresso, o movimento da oposição pela CPI teve um dia morno. Líderes governistas diziam que a situação estava absolutamente sob controle, mas não arriscavam dizer que o assunto morreu.

— Houve um estancamento nas assinaturas. O clima, que esteve muito ruim no início da semana, melhorou muito, mas qualquer coisinha pode mudar o quadro — disse um líder governista.

Ele admitiu que tem sido constante e firme a ação do governo para tirar a CPI da pauta política, tanto é que cinco deputados do PMDB que assinaram o pedido vão recuar. O governo aposta ainda numa posição favorável do PL, que esta semana se reaproximou do Planalto. Caso a bancada feche questão contra a CPI, o partido terá um cargo no segundo escalão, confirmou o líder.

Em Washington, Fernando Henrique negou que haverá liberação de recursos das emendas como compensação para os parlamentares que não aderiram à CPI.

— Isso não é notícia, é maledicência. Não é verdade e não comento maledicências — disse.



ANTÔNIO CARLOS: "O presidente cometeu o erro de ficar preso à maioria parlamentar, esquecendo a minoria popular"